

Serração de Parada

Mais de meio século dedicados à serração e ao comércio de madeira

A operar desde 1958, esta empresa de Vila do Conde apresenta um portefólio vasto de actividades que incluem a serração, secagem, aplainamento e tratamento de madeira, tudo isto oferecido aos seus clientes com um cunho de qualidade respaldado por uma equipa de trabalho profissional que opera em sintonia com a mais recente tecnologia no sector.



// Artur Campos (Pai) e Joana Campos (Filha) - Serração da Parada

A floresta é um dos principais recursos renováveis em Portugal ocupando mais de um terço do território nacional. Neste contexto, a indústria de serração é uma actividade económica fundamental na transformação de madeira, sobretudo do pinheiro bravo, não só pelo seu elevado nível de consumo de matéria-prima mas, também, pela sua incidência como fonte de abastecimento de produtos e subprodutos destinados a outros subsectores.

Actualmente este sector tem enfrentado uma importante reconversão marcada por uma significativa redução do número de serrações no país, uma tendência que poderá manter-se, pelo menos, até que este nicho consiga um equilíbrio na conjugação da sua estrutura empresarial e na capacidade produtiva média das fábricas para que estas estejam adaptadas à disponibilidade de matéria-prima, cada vez mais escassa, e às condições de um mercado cada vez mais global. O Empresas & Empresários visitou as instalações da Serração de Parada em Vila do Conde uma empresa que tem mais de cinquenta anos de experiência e cuja qualidade lhe tem permitido subsistir neste segmento de actividade apesar das precariedades actuais. Esta serração foi fundada em 1958 por José da Costa Campos,

mas hoje é o seu filho, Artur Campos, quem está à frente do negócio numa sociedade conjunta com a sua esposa. O filho Diogo há já alguns anos que contribui para que o negócio funcione bem principalmente ao nível da floresta, mais precisamente no abate, mas mais recentemente quem também veio juntar-se ao negócio da família é a Joana Campos, filha de Artur, que decidiu, para já, trocar uma licenciatura em enfermagem pela madeira e que está a começar a dar os primeiros passos no sector, mas para que a integração na empresa e na actividade seja mais profissional e conhecedora está frequentar uma pós-graduação em gestão.

Em pleno século XXI a Serração de Parada orgulha-se por ter percorrido um grande caminho que nem sempre foi fácil. Artur Campos lembra que “a empresa sofreu dois incêndios”, o primeiro em 1962 e o segundo em 1967, incidentes que deixaram a serração num estado precário e que levaram a uma reconstrução quase total das instalações. Apesar das dificuldades, José da Costa Campos conseguiu dar rumo ao seu negócio, um património que deixaria nas mãos do seu filho em 1997 e que tem feito tudo para valorizar o legado deixado pelo seu pai.

A Serração tem cerca de três hectares de área coberta e descoberta e o pavilhão exterior foi

recentemente restaurado contando com equipamentos com tecnologia moderna que garantem uma capacidade produtiva sustentável e uma melhor capacidade organizacional da equipa de trabalho que no fim permitem dar uma resposta mais rápida às exigências dos clientes. “Tecnologicamente a serração está equipada com dois charriots que sempre vamos mudando conforme a própria evolução da tecnologia. Normalmente, de doze em doze anos temos que comprar máquinas novas o que é um investimento grande porque as nossas máquinas são grandes e pesadas”, aponta Artur Campos. Actualmente, a actividade desta empresa está centrada na serração, secagem, aplainamento e tratamento de madeira que é comercializada tanto a nível nacional como internacional. Artur Campos explica que a gama de produtos da Serração incluem as “madeiras secas para decks, soalhos, forros, paletes, ripas, entre outros; madeiras para cofragem, postes e estacas de madeira, assim, como, outros subprodutos como casca, serrim e fitas”.

A matéria-prima é nacional e tanto o pinheiro bravo como o eucalipto são as variedades mais utilizadas, sendo que ambas são orientadas não só para a serração como, também, para a indústria da trituração, nomeadamente, painéis e

pastas de celulose. “O eucalipto sai muito bem para fazer pasta, aliás é por isso que vendo muita madeira em bruto para a indústria de aglomerados e para a indústria do papel. A matéria-prima maioritária vou procurá-la directamente ao proprietário das matas e a restante é adquirida a partir de fornecedores que já trazem a madeira cortada às minhas instalações”, refere Artur Campos.

Na hora de procurar a matéria-prima há épocas próprias para cortar a madeira, sendo que entre Fevereiro e Agosto o corte deve ser evitado, segundo Artur Campos, porque “a madeira está na fase de crescimento e tem menos qualidade”. Tendo em conta a variabilidade da madeira, o período mais favorável ao corte das árvores é entre o mês de Outubro e Janeiro, época em que a actividade biológica da árvore é menor. É precisamente nesta altura que a Serração envia diariamente uma equipa de quatro pessoas directamente à floresta para fazer uma selecção das árvores que vão ser cortadas.

Artur Campos destaca que “a madeira da serração vem, sobretudo, de Vila Verde, Terras de Bouro e Ponte de Lima”, e nas florestas são sempre escolhidas as zonas onde a madeira é “mais limpa, sem nós e, especialmente, com menos fontes de resina”. No caso concreto da resina a

atenção tem que ser redobrada visto que a presença da mesma pode afectar a qualidade da madeira serrada, sobretudo, quando esta depois vai ser aplicada em carpintaria ou mobiliário. Ainda na floresta, Artur Campos explica que são procuradas as árvores grandes que dão maior rendimento porque “um tronco pequeno dá, por exemplo, 100 quilos de costaneira e um tronco grande dá cerca de 150 quilos mas rende três vezes mais em quantidade de tábuas”. O fuste da árvore é geralmente transportado completo para a serração para efectuar o dimensionamento em comprimento dos toros, no caso do pinho marítimo a toragem (traçagem do tronco abatido) realiza-se na exploração florestal. Outro aspecto a ter em conta na hora de seleccionar a madeira é determinar a idade das árvores, aliás, Artur Campos afirma mesmo que “mais importante do que a espessura é a idade da madeira”. Neste sentido é importante realçar que a madeira juvenil tem características anatómicas e químicas diferentes de uma madeira mais adulta o que faz dela uma madeira com menos resistência mecânica apresentando, assim, piores condições para ser submetida a uma transformação industrial.

“A nossa principal actividade é a das madeiras tratadas”

Depois da madeira ser descascada e serrada, segue-se o processo da secagem, um processo importante para diminuir o teor de água existente naturalmente na madeira de modo a que esta possa atingir um determinado ponto de humidade, com um mínimo de defeitos, tendo em conta o fim para o qual se destina. Assim, a madeira adquire uma maior resistência mecânica, menor variação dimensional e superior resistência à putrefacção proporcionando-lhe melhor capacidade de preservação e aplicação. A secagem pode ser efectuada naturalmente (executada ao ar livre), artificialmente (realizada em estufas próprias), ou pela conjugação destas duas formas.

Artur Campos destaca que entre a secagem é mais difícil de realizar no eucalipto do que no pinheiro bravo visto que este “é mais denso, tem mais teor de água e a sua humidade interior é mais difícil de eliminar”. Desta forma, a secagem da madeira de eucalipto deve ser, sempre que possível, executada em condições suaves tanto de temperatura como de humidade relativa do ar, a fim de proporcionar uma secagem mais lenta para que a quantidade de defeitos seja a menor possível.

Após este procedimento segue-se o tratamento da madeira, que “é a principal actividade da Ser-

ração de Parada” segundo Artur Campos. Neste momento, a empresa aplica dois tipos de tratamentos: um de autoclave e um fitossanitário. O primeiro é o mais radical visto que permite a aplicação de produtos de preservação, como sais hidrossolúveis, e é feito através do processo de vácuo-pressão em unidades industriais denominadas autoclaves. Este tratamento preserva a madeira ao longo do tempo, oferecendo a máxima protecção contra todo o tipo de podridão, fungos e insectos. Já o tratamento fitossanitário é um procedimento que tem que ser realizado obrigatoriamente por exigência do Ministério da Agricultura em toda a madeira de pinho que seja exportada de modo a controlar a proliferação de pragas.

O desaparecimento do pinheiro bravo

Algumas das adversidades que actualmente o sector da serração está a enfrentar é o da falta de matéria-prima. Artur Campos aponta que “se as poucas serrações que ainda existem começarem a trabalhar a 100% metade vão ter que fechar porque a madeira não vai chegar para todos”. Este problema tem sido impulsionado pela proliferação dos incêndios que todos os anos deixam em cinzas muitas das florestas do território nacional.

As principais faltas são sentidas no que diz respeito ao pinheiro bravo uma árvore que demora mais tempo a desenvolver-se em relação ao eucalipto. “O eucalipto é uma madeira que consegue crescer num período de doze de anos, já o pinho demora cerca de 30 anos para atingir as em condições ideais para serrar. O preço do pinho era barato mas actualmente a exportação está a andar mais e as serrações estão a cortar mais o que leva a mais falhas de matéria-prima”, salienta Artur Campos.

Esta situação é preocupante visto que o pinheiro bravo é a espécie que ocupa grande parte da mancha florestal do país e, por isso, é a principal abastecedora das indústrias de serração, sendo utilizada também como matéria-prima fibrosa para a indústria de pasta para papel. Contudo, Artur Campos esclarece que “alguma da madeira restante dos incêndios pode ser aproveitada para paletes para a construção civil e até para exportação”. Os principais países para os quais a Serração já chegou a exportar madeira de segunda foram a França, Espanha e Angola.

Se até há bem pouco tempo a madeira mais fácil de adquirir era o pinho, hoje essa realidade foi alterada, aliás, Artur Campos destaca que até “a própria qualidade da madeira já não é a mesma de antes, aliás, hoje o preço do pinho e do eucalipto já estão no mesmo patamar em termos comerciais”. Para dar uma volta a esta situação, o empresário deixa o alerta da necessidade imediata que o sector precisa para que o governo tome uma posição e comece a “reflorestar os montes para que o acesso à matéria-prima seja mais sustentável”.

Para já, um dos próximos planos da Serração de Parada passa pela criação de uma saída alternativa aos resíduos da madeira, nomeadamente, transformando-os em energias renováveis, em biomassas. Artur Campos apenas aspira que o Estado impulsiona este tipo de soluções até porque esse é um nicho com potencialidades para desenvolver ainda mais dentro do sector da serração.



Av. da República, n.º 1441 - 4480-340 Parada - Vila do Conde
 Tel.: +351 252 651 252 | Fax: +351 252 657 026
 Telem.: +351 912 556 773 / +351 917 570 882
 E-mail: geral@arturcampos.pt
 www.arturcampos.pt